Boletim Operário 342

Caxias do Sul, 19 de junho de 2015.

O Paiz
Rio de Janeiro
22 de maio de 1891.
Capa
Edição 3313

A greve de Santos parecia ontem terminada. Muitos dos paredistas procuraram as autoridades, pedindo trabalho.

O nosso correspondente de São Paulo nos telegrafou ontem que os estafetas do serviço telegráfico geral ali fizeram greve.

A respeito o Doutor Ferreira dos Santos, Engenheiro do Distrito, comunicou ao Capitão de Fragata Baptista nos seguintes termos:

"Não é verdade greve que consta em telegrama para imprensa de estafetas de S. Paulo. Reclamam alteração no horário que esta estabelecido para serviço. Encarregado providenciou. Tendo chegado hoje oficio em que autrorizastes admitir mais uma estafeta, comuniquei S. Paulo, ficando desse modo servico mais fácil".

O Paiz
Rio de Janeiro
22 de maio de 1891.
Página
Edição 3313

Greve em Santos

Em outra secção inserimos um artigo do Senhor 1º Tenente Vinhaes sobre os recentes acontecimentos ocorridos em Santos, por motivo da greve dos operários do trafego daquele porto e de outros serviços.

Como Presidente do Centro do Partido Operário, o digno Deputado desta captial entendeu ser do seu dever ir aquela cidade e intervir com a sua palavra e o prestigio da sua posição para melhor e mais pacifica solução do conflito. É missão esta de conciliador, sempre arriscada e ingrata.

Se o Senhor Deputado Vinhaes conseguiu ser atendido pelos operários, contrariou os que consideravam injusta, tumultuária e sediciosa a coligação dos trabalhadores. Em tais emergências, a paixão dos adversários e dos interesses em luta, esquecem a justiça e levantam baldões e increpações, que a analise e melhor juízo ulterior condenam.

O documento que publicamos ressente-se de ardor da luta em que o Senhor Deputado Vinhaes entrou, em bem e na defesa dos operários, cuja causa notória e entusiaticamente tem sustentado.

Essas greves desenvolvem-se, aliás, do mesmo modo em toda parte. São manifestação aguda e febril do antagonismo universal do capital e do trabalho, dos ricos que tendem a ficar mais ricos e dos pobres que pela exploração do trabalho fabril e a concentração sempre crescente dos capitais, decaem fatalmente para maior pobreza.

Não é de hoje que a guerra do populus crassus com o populus macer divide as nações em dois campos inimigos. A cizania vem de séculos, e até de agremiações políticas mal organizadas.

O nosso país, com industriais ainda incipitentes, com meios fartos de subsistência para todas as aptidões e para todo trabalho, tinha escapado a esses conluios de operários para a obtenção de mais justo salário. Hoje, porém, a situação é outra e as coligações de operários se repetem de modo a caracterizar novo estado de coisa – industrial, social e político.

As associações desses homens validos e educados nas fadigas do trabalhador, não são um mal, antes um bem. Elas se formam pelo sentimento indistinto dos fracos a se unirem para opor massa mais compacta, à violência dos fortes, e pela resistência, que com efeito oferecem, impedem os abusos do poder que os poderosos praticam muitas vezes.

Procede dessa ação e reação um certo equilibrio entre as classes de uma nação, equilibrio que se manifesta pela paz e o bom acordo de todas elas.

No Brasil o temos tido por vários causas, que não é ocasião de notar, mas novos acontecimentos, novas forças vieram quebra-lo.

A antiga distribuição dos bens materiais foi bruscamente e profundamente alterada; a facilidade da subsistência desapareceu. O jogo, em vastissima escala mantido por largas e prodigas emissões bancárias, perturbou as relações da fortuna privada e da fortuna pública.

Todos os valores se modificaram repentinamente e até a própria noção do dinheiro foi viciada por esta subita transformação da moeda em ficha de jogo.

Os mais bem aparelhados para o ganho saltaram rapidamente da mediania para a opulência e improvisaram-se ricaços avidos de gosos ainda não satisfeitos, malbaratando quantias que antes eram fortunas, para satisfaze-los. Os operários habituados a ganhar o pão e o agasalho da prole, pelo trabalho quotidiano, não puderam perceber a revolução economica que se operava ao redor deles e a custa deles, porque só a sentiram quando as garras aduncas da miséria os tomaram de chofre.

Não tiveram tempo nem lazer para se acautelarem da alta dos preços que a depreciação crescente da moeda e a avidez prodiga dos jogadores felizes impuseram a todos generos necessários a vida.

A surpresa seguiu-se a desesperação, que lhes ensinou a seguir o exemplo dos seus companheiros de Europa, mais duramente provados e por isso talvez mais violentos. As paredes que houve nesta capital e que acaba de haver em Santos, não procedem de outras causas; a enorme depreciação da moeda pelas enormes emissões de papel bancário e a elevação excessiva dos preços de todos os produtos, resultante daquela depreciação e da procura maior.

A gravidade máxima da nossa situação financeira e economica esta neste estado desconhecido no Brasil e que o jogo criou o pauperismos.

As paredes de Santos e daqui são dele o triste prenuncio.

Editorial d'O Tempo.